

ANDRADE, Moacir. Manaus: ruas, fachadas e varandas. Manaus: [Editora Umberto Calderaro], 1984. 280p. ilus. ISBN 978-85-63526-63-2

A vertente de escritor do artista plástico Moacir Andrade registra neste livro uma coleção de crônicas, memórias, observações cotidianas, desenhos e fotografias retratando a capital do Amazonas. É uma das sete publicações do universo de escritos deixados pelo artista, como incursões entre memorialísticas, descrições de caráter etnográfico, tentativas de caracterização cultural e identitária do Amazonas de seu tempo e da formação da cidade.

Nesta obra misturam-se crônicas pessoais, efemérides, descrições de hábitos e costumes, fatos políticos e econômicos, história, geografia,

etnografia, folclore, aspectos do urbanismo e da arquitetura e o mundo cultural de Manaus sem uma sequência, mas com a lógica sensível do autor. Este livro, bem com seus demais escritos, têm sido citados como depoimentos de época em pesquisas universitárias contemplando a cultura e a cidade de Manaus.

MOACIR ANDRADE (1927-2016) foi um dos mais importantes artistas plásticos amazônicos. Estudou no Liceu Industrial de Manaus e iniciou a vida como desenhista de uma construtora. Foi professor de Educação Artística na Universidade do Amazonas, lecionou na Escola Técnica de Manaus, Colégio Estadual e Colégio Militar. Gradou-se em Museologia no Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro) em 1959. Realizou sua primeira exposição individual em 1952. Em 1954, com outros artistas plásticos e poetas, fundaram o Clube da Madrugada (ver artigo de Luciene Páscoa nesta edição da revista). Criou em 1965 a Pinacoteca do Estado do Amazonas, em Manaus, bem como se envolveu ao longo de toda sua trajetória como um animador cultural manauense.



PÁSCOA, Luciene. Artes Plásticas no Amazonas: o Clube da Madrugada. Manaus: [Editora Valer], 2011. 280p. ilus. ISBN 978-85-75123-79-9

O livro registra a trajetória do Clube do Madrugada como um eminente movimento de vanguarda artística da segunda metade do Século XX na cidade de Manaus. Com uma importância significativa no cenário cultural amazonense, o movimento teve o seu apogeu no intervalo da segunda metade da década de 1950 até meados de 1970 com a reunião de poetas, escritores e artistas plásticos na busca de ações de vanguarda artística. A intervenção na imprensa através de publicação em periódicos, a criação de uma revista literária, a amplitude e a diversidade de interesses culturais além do acentuado caráter libertário, são algumas características que fizeram do Clube da Madrugada um movimento artístico e literário típico do século passado. As ações envolviam várias artes e determinaram um Renascimento Amazônico, diante de uma certa exclusão cultural que perdurava desde o término da Belle Époque. A obra apresenta o contexto cultural do período e em especial a produção do Clube, as publicações e exposições

realizadas, as biografias dos membros – como Luiz Bacellar, Moacir Andrade, Álvaro Páscoa, Oscar Ramos, Anísio Melo, Getúlio Alho, Gualte Batista, Normandy Litaiff, Jair Jacqmont, Hahnemann Bacelar entre outros – e o protagonismo determinante para a consolidação de espaços culturais e institucionais no Estado do Amazonas.

LUCIANE PÁSCOA é professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), doutora em História Cultural pela Universidade do Porto, mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), possui Licenciatura em Artes Plásticas e em Música pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).



COSTA, Graciete Guerra da. *Manaus: um estudo de seu patrimônio arquitetônico e urbano*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 334 p. ilus. ISBN 85-642-1825-9

O livro, originalmente dissertação de mestrado defendido na Universidade de Brasília, estuda a evolução urbana de Manaus e a arquitetura da Amazônia do início de sua colonização até hoje. Busca identificar as características da estrutura da cidade que têm contribuído – ou não – com a construção e a preservação de seu patrimônio cultural. Pretende demonstrar que Manaus constituiu um rico patrimônio arquitetônico, em seus vários momentos, digno de preservação.

Vale-se do exame da inter-relação de fatores populacionais, econômicos, socioculturais e político-institucionais que atuaram na formação da cidade, procurando destacar as funções urbanas e suas perspectivas. Extensa bibliografia, registros fotográficos, mapas, cartões postais, pinturas, listagens do IPHAN e documentos da Prefeitura foram utilizados para as análises.

Organiza-se em cinco capítulos, cada um definindo um período de análise: o capítulo 1 (1669-1870) trata da conquista e ocupação do território e a fundação da cidade; o capítulo 2 (1870-1914) contempla o período da expansão urbana no período da borracha; o capítulo 3 (1914-1967) relata a modernização entre a decadência do ciclo da borracha até a criação da Zona Franca de Manaus; o capítulo 4 (1967-1990) cuida do impacto da Zona Franca de Manaus nos rumos do Amazonas e o último capítulo (1990-2001) examina a metropolização da cidade e as perspectivas de crescimento.

GRACIETE GUERRA DA COSTA é professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR), doutora e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB), arquiteta e urbanista pela Universidade Federal do Pará.



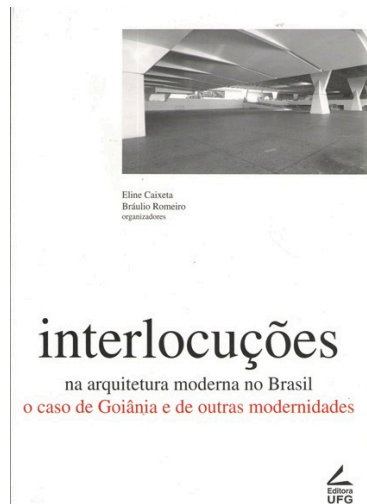
REIS, Patrícia Orfila Barros dos (Org.). *Palmas: um projeto e múltiplos olhares*. Palmas: EDUFT, 2015. 144 p. ilus. ISBN 978-85- 63526-63- 2

Trata-se da reunião de trabalhos desenvolvidos com base no projeto urbanístico de Palmas e na temática da cidade criada ex nihilo e sua realização, 26 anos após sua inauguração, por pesquisadores da Universidade Federal do Tocantins, abrangendo as áreas de arquitetura, urbanismo, planejamento, gestão pública, política, geografia e história. Os textos abordam o contexto histórico, críticas ao projeto da cidade, o abandono do plano urbanístico original e as percepções de suas diferentes realidades.

Compõem esta antologia os seguintes artigos: “Da construção de Palmas à consolidação do Tocantins” (de José Manuel Miranda de Oliveira); “Memória e dimensão política da identidade da comunidade Canela (2000-2008)” (de José Vandilo dos Santos); “A geopolítica da expansão urbana de Palmas” (de João Aparecido Bazolli); “Sobre o projeto de Palmas: a importância da construção de uma reflexão crítica” (de Ana Beatriz Araújo Velasques e Thiago Ramos Machado); “A cidade de Palmas e o projeto do

aluno: vestígios da percepção urbana nas ideias de arquitetura” (de Giuliano Orsi e Giovanni Assis); “Vila União: os limites e potencialidades do projeto na conformação de lugares em Palmas” (de Glauco de Paula Coccozza); “Palmas: uma cidade em busca de significados” (de Patrícia Orfila Barro dos Reis).

PATRÍCIA ORFILA BARROS DOS REIS é professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Tocantins, doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Engenharia pela Universidade Federal de São Carlos, arquiteta e urbanista pela Universidade Federal do Pará.



Marcelina Gorni, Sandra Catharinne P. Rezende), “Documentar para conservar: arquitetura moderna no Triângulo Mineiro e Alto Parnaíba” (Maria Beatriz C. Capello, Marília M. B. T. Vale, Luiz Carlos de Laurentiz), “Arquitetura moderna brasileira em Campo Grande” (Ângelo Marcos V. de Arruda), “Marcos da arquitetura moderna em Mato Grosso: conexões com o ambiente histórico e geográfico” (Ricardo Castor), “O conjunto do Parque Ibirapuera” (Marcos José Carrilho), “Belo Horizonte: fervor cartesiano, paixão barroca” (Roberto Segre), “O sentido do moderno no contemporâneo” (Edson Mahfuz).

ELINE CAIXETA e BRÁULIO ROMEIRO são professores da Universidade Federal de Goiás.



ALVES, Josélia. Quando a rua vira rio: vulnerabilidade socioambiental urbana. Curitiba: Appris, 2017. 233 p. il. ISBN 978-85-473-0373-0

Este livro trata de modo geral do conflito entre a ocupação humana das margens fluviais e a decorrente degradação ambiental sob a ótica da vulnerabilidade ambiental. Tem como objeto analisar a produção e distribuição das situações de vulnerabilidade e risco ambiental que estão expostas as populações de baixa renda que ocupam fundos de vale e margens de igarapés em bacias hidrográficas urbanas, tendo como objeto referencial a bacia hidrográfica do Igarapé Fundo em Rio Branco, capital do Estado do Acre.

Josélia Alves conjuga leituras, conceitos e categorias da geografia com a prática de planejamento e encontra um caminho com a discussão da vulnerabilidade socioambiental e com a aplicação de uma metodologia de clusters confrontada com a mensuração efetiva da área inundada após uma das maiores inundações da área urbana de Rio Branco, ocorrida em 2012.

A degradação das bacias hidrográficas, especialmente as urbanas, tornou-se foco de preocupação mundial e tem despertado interesse de planejadores urbanos, na área

da geografia e urbanismo, uma vez que é considerada uma unidade natural de paisagem que contém recursos e atividades interligados e interdependentes.

O livro resultou da tese de doutoramento da autora. [síntese extraída dos textos de apresentação, prefácio e contracapa do livro].

JOSÉLIA ALVES é professora do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCET) da Universidade Federal do Acre (UFAC), doutora em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), arquiteta e urbanista pelas Faculdades Integradas Bennett (Rio de Janeiro).